

TEMA DE CAPA

# Sculpted

TO PERFECTION

Com um percurso moldado por décadas de dedicação, Hugo Marchand tornou-se um dos nomes mais sonantes no panorama contemporâneo do *ballet* — não apenas pela forma como transmite emoções através de um corpo meticulosamente trabalhado, mas também pela crença inabalável na força singular da dança.

Texto de  
**INAYA MUSSA**

Fotografia de  
**KOSMAS PAVLOS**

Styling de  
**LAURENT DOMBROWICZ**

Corpete bege, **Lorenzo Seghezzi**.  
Calças brancas, **Dior Men**.



TEMA DE CAPA



Sobretudo, **Balenciaga**.



Full look preto, **Dsquared2**



Full look, Rick Owens.  
Na página ao lado, full look, Hermès.

## TEMA DE CAPA



**N**um mundo que exige uma entrega total, de corpo e mente, sustentada por uma disciplina rigorosa e uma dedicação sem reservas, são poucos os que conseguem realmente prosperar. É precisamente dentro dessa estrutura rigorosa que o *ballet* impõe, que o bailarino francês, Hugo Marchand, continue a desafiar os limites do que é fisicamente possível. Completamente absorvido pela arte da dança desde o primeiro contacto com a mesma, e impulsionado por um desejo constante de aperfeiçoamento, Marchand tem-se afirmado, ano após ano, como um dos rostos mais aplaudidos do setor em que se move — alcançando, aos 23 anos, o estatuto de *danseur étoile* da Ópera de Paris. Hoje, embora a dança permaneça no centro da sua vida, Marchand tem vindo a explorar o universo da moda — quer como modelo, quer como observador atento. Numa conversa íntima, entre ensaios e espetáculos, com a GQ Portugal, o bailarino revelou-nos o seu percurso desde os primeiros passos na dança até ao estrelato numa das mais prestigiadas companhias de *ballet* do mundo, e partilhou também a sua visão sobre o papel que ocupa, agora, no mundo da moda.

**Lembra-se da sua memória mais antiga a dançar, ou de um momento em que se sentiu completamente livre através da dança?** Recordo-me que fazia circo e ginástica quando era muito pequeno e pedi ao meu pai para me inscrever numa aula de dança. Na minha primeira aula de *ballet* não fizemos muito, eu estava apenas no chão a fazer alguns alongamentos, a ouvir música, a ter consciência do espaço que temos, do espaço que as outras pessoas têm à nossa volta, a ter consciência do nosso próprio corpo e a ter atenção às nossas sensações. Isso foi muito interessante para mim e as emoções que surgiram com estas novas percepções foram muito fortes, por isso é que decidi dançar todos os dias.

**Do que é que mais gosta no ballet?**

É difícil de explicar. Acho que é uma educação, uma forma de viver. O que eu adoro no *ballet* é o facto de ser uma estrutura muito rígida que nos dá muita liberdade. Todos os códigos e vocabulário que temos no *ballet* são muito rigorosos, mas o que é muito interessante e engraçado é usá-los para os tornar muito naturais, para que não pareçamos bailarinos mas sim seres humanos. Para mim, esse é o maior desafio de um bailarino,

fazer com que o *ballet* pareça humano. Mas, se encontrarmos uma forma de o fazer, as emoções que surgem são extremamente intensas e as pessoas conseguem identificar-se com elas, e é por isso que adoro o *ballet* — é esta complexidade entre a estrutura, a rigidez, a liberdade e a humanidade que surge através dele.

**Como é que a dança evoluiu para uma extensão de quem é — das suas ideias, da sua identidade e da sua forma de se expressar?**

Ser bailarino é um modo de vida, não é apenas uma profissão, e tem um impacto na nossa vida de tantas formas diferentes que molda o caminho da mesma. Ser bailarino não é apenas ir ao teatro, praticar e depois voltar para casa e fazer outras coisas. Pensamos no *ballet*, temos a música na cabeça durante todo o dia e temos de cuidar do nosso corpo [...]. Assim, mesmo que seja apenas um espetáculo de meia hora em palco, podem ser necessários dias, semanas, talvez meses só para isso. [...] Se fosse apenas uma profissão, então fá-lo-íamos como outra coisa qualquer.

## TEMA DE CAPA



**Sempre soube que queria ser bailarino? Se não, quando é que se apercebeu pela primeira vez que este poderia ser um caminho a seguir a nível profissional?**

Comecei a dançar aos nove anos e, um ano depois, o meu sonho era ser bailarino de *ballet*. Portanto, aos 10 anos, isso era algo que estava muito forte em mim. Nessa idade, começamos a pensar no que queremos fazer quando formos adultos e eu disse: “Quero ser bailarino”. Acho que foi a única ideia que me veio à cabeça — e não foi apenas uma ideia, foi uma necessidade. É preciso ter a necessidade de ser bailarino para o ser.

**Alguma vez na carreira a sua paixão pelo *ballet* e pela dança vacilou?**

O desejo de dançar está sempre a mudar, eu diria que é sempre para o melhor. Ao mes-

mo tempo, é um pouco assustador porque, quanto mais cresço, amadureço e danço, mais percebo o que estou a fazer e porquê. No entanto, sabemos que há um fim para esta carreira, porque aos 40 ou 45 anos temos de terminar porque o nosso corpo fica danificado pelo trabalho e não podemos fazer o que é preciso para sermos bailarinos. Portanto, temos de lidar com o desejo a crescer, ao mesmo tempo que o corpo já não consegue fazer tanto quanto antes. Os momentos em que sinto que o meu desejo está a diminuir são quando tenho dores e tenho de lidar com lesões, quando acordo de manhã e o meu corpo está a doer por todo o lado. São nesses momentos que sinto que já chega, já fiz o que tinha a fazer e é suficiente, mas passadas algumas horas, se o meu corpo melhorar, quero voltar.

**Para muitos atletas de elite, quando chegam à adolescência, começam a perder essa paixão porque começam a aperceber-se de que há outras coisas que podem fazer numa idade jovem. Sentiu essa pressão social ou foi sempre muito determinado?**

Sempre fui muito determinado, também porque entrei para a escola de dança da Ópera de Paris quando tinha 13 anos — um estabelecimento de ensino muito rigoroso e elitista para bailarinos em Paris. Quando se entra para esta estrutura, tem-se aulas de manhã e depois dança-se toda a tarde e também à noite. Portanto, é uma estrutura em que não pensamos em fazer outra coisa, porque isso treina o cérebro e permite-nos projetar-nos na profissão. É uma bolha, por isso não nos deixa perceber realmente como é o mundo fora desta escola. Assim, somos

Top branco, **MM6 Maison Margiela**. Calças pretas, **Dsquared2**.  
Crinolina, **Lorenzo Seghezzi**.





Macacão branco, Prada. Chapéu, Anthony Peto. Suspensórios, Les Bretelles de Léon. Botas, Dr. Martens.

moldados em algo como uma máquina de guerra para sermos bailarinos e só descobrimos o mundo quando saímos da escola aos 17 ou 18 anos. Esse é o momento em que as pessoas se perguntam: “será que fiz a escolha certa?” Mas, na verdade, sempre senti que a escolha certa para mim é ser um bailarino. Nunca tive muitas dúvidas sobre isso.

#### Tem algum ícone da dança que tenha moldado o seu percurso?

Eu diria que Rudolf Nureyev foi uma grande estrela do *ballet*, o seu percurso pessoal é muito forte e interessante e, como bailarino, mudou realmente a forma como os homens dançavam. Criou solos incríveis para bailarinos masculinos e isso é algo muito inspirador. Diria que Gene Kelly também, é um género de bailarino muito diferente de Nureyev, mas também é um bailarino incrível, porque tem uma grande técnica, uma forma muito fácil de se movimentar, sem força e luta, o que são qualidades incríveis, porque todo o trabalho está escondido por detrás desta facilidade. Parece que é muito fácil e, para mim, é isso que estou a tentar fazer: mostrar que é muito natural mas, na verdade, não é.

#### Há algum estilo de dança que ainda não tenha experimentado mas que esteja curioso em explorar?

Na verdade, gostava de poder experimentar a maior parte das danças. Claro que faço *ballet*, mas também faço danças contemporâneas na Ópera de Paris. Costumava fazer algumas aulas de flamenco e adorava, mas apercebi-me que era doloroso para os meus pés, [...] por isso parei. Adorava fazer *hip hop* e experimentar *voguing*, todas as valsas e *cha cha cha*, só por diversão, acho que é uma ótima forma de nos expressarmos.

#### Como foi o seu percurso profissional para se tornar bailarino da Ópera de Paris?

Foi um longo caminho. A escola começa aos 13 anos, depois há um exame todos os anos para que os professores possam dizer se podemos passar ao nível seguinte ou se temos de deixar a escola porque não somos suficientemente bons ou porque o nosso corpo não tem a forma correta. Se tiver a sorte de chegar ao último nível, então há um grande exame, no qual pode ser contratado para a companhia, ou não. A Ópera de Paris tem 154 bailarinos, nem mais, nem menos, por isso, para ser contratado na companhia, alguém tem de se reformar ou demitir e, assim sendo, a sorte é uma grande parte do processo. Quando passei no exame, havia quatro vagas para os rapazes e eu tive a sorte de ser contratado para a companhia aos 17 anos. A Ópera de Paris é uma companhia muito hierárquica, por isso não se é um *danseur étoile* de um momento para o outro. É preciso passar por todos os escalões e, mais uma vez, passar por alguns exames, mostrar solos e variações em palco e só os dois primeiros podem ser promovidos ao nível seguinte. O primeiro nível é *quadrille*, depois é *coryphée*, depois *sujet*, depois *premier danseur* e, se tiver a sorte de ser *premier danseur*, talvez possa ser nomeado *étoile* [...]. Portanto, é um grande desafio, e a maioria dos bailarinos não chega a *étoile*, visto que uma companhia de *ballet* não são só os bailarinos principais [...]. Toda a gente é muito importante, porque se não tivermos o grupo, as estrelas não podem brilhar, e se não tivermos as estrelas, o grupo não tem energia para lutar. É como uma bonita troca que acontece entre os bailarinos e a companhia.

#### Como é que se sentiu ao assumir o lugar de étoile com apenas 23 anos — um papel tão prestigiado numa idade tão jovem?

Parecia o início de um novo caminho. Não me senti de todo realizado porque, aos 23 anos, somos muito jovens, mas senti que era uma nova página e uma nova história. Era uma promessa de ser livre e de ter personagens fantásticas para encarnar durante dezanove anos, sendo a despedida feita aos 42 anos, na Ópera de Paris. Para mim, foi superentusiasmante mas também uma grande pressão porque, aos 23 anos, não nos sentimos capazes de segurar um grande *ballet*. Mas aprende-se e lida-se com a pressão e o *stress*, e é algo em que ainda estou a trabalhar, mas é uma viagem fantástica.

#### Como é que consegue gerir a pressão e a ansiedade que advêm de atuar a um nível tão elevado?

É muita antecipação. É preciso trabalhar com antecedência, não se pode trabalhar no último segundo e não se trata apenas de trabalho físico, mas também mental. É preciso pensar, pesquisar, preparar, e é preciso sentir antecipadamente as emoções que nos vão atingir no dia da atuação. [...] Se não fizermos este trabalho, temos muitas razões para estarmos extremamente stressados, mas se o fizermos, as coisas acontecem bem na maior parte das vezes. Em geral, acho que para viver bem, e não só para dançar bem, sempre fui seguido por muitos especialistas em saúde. Acho que a saúde mental é muito importante e desde muito jovem que vou a terapeutas e psicanalistas. Precisamos de ter ajuda a maior parte do tempo e precisamos de ser capazes de pensar e partilhar os nossos pensamentos com alguém, para sermos saudáveis. Quando se tem de lidar com tanta pressão, *stress*, emoções fortes, frustração, grande alegria, muita adrenalina, é preciso ter alguém que nos mantenha com os pés bem assentes na terra. [...] É um trabalho em progresso, não apenas para a dança, mas para a vida.

#### Agora, aos 31 anos, acha que o nível atlético de elite tem impacto na sua vida pessoal e social?

Tem de facto um impacto porque, como *danseur étoile*, algumas pessoas ficam interessadas e querem conhecer-me por ser um bailarino principal, não por ser a pessoa que sou, e é preciso ter consciência disso. [...] É preciso saber fazer isso para não partilhar demasiadas coisas com as pessoas erradas, perdermo-nos e metermo-nos em sarilhos. Podia esconder-me e ser apenas um bailarino, mas para mim ser bailarino não é apenas estar em palco, é também falar sobre *ballet* e dança. É tentar transmitir mensagens ao público e à sociedade para mostrar que ser um bailarino masculino não é um problema, que os rapazes também podem dançar e que a dança e o *ballet* não são apenas para pessoas de elite, são acessíveis a toda a gente. A diversidade é muito importante no nosso mundo do *ballet* atual. Por isso, a sociedade precisa de ouvir falar do assunto e é muito importante que nós nos pronunciemos e que não fiquemos apenas no palco. É por isso que alguns de nós estão a tentar trazer luz ao mundo da dança, para que as pessoas também se interessem.



English Version.

**Há algum *ballet* em particular que lhe seja especialmente querido — um que adore representar ou que tenha um impacto profundo em si?**

Há muitos bailados que adoro, e um deles é *Manon* de Kenneth Macmillan, um bailado incrível com uma história muito dramática. A música é de Jules Massenet e é muito bonita. Vou partir amanhã para Sydney, na Austrália, para representar este *ballet* com o The Australian Ballet e estou muito entusiasmado. Também estou um pouco nervoso por ter de enfrentar a longa viagem apenas alguns dias antes da estreia, mas estou realmente ansioso por esta experiência.

**Quando está a atuar, como é que a música ganha vida para si e que papel desempenha no seu processo artístico?**

A música é como um suporte para as emoções. A música dá-nos o caminho e ajuda-nos a encontrar o rumo certo para partilhar as emoções e a história. Por vezes, não há histórias para contar e a música está lá apenas por puro entretenimento e isso também é muito interessante porque, nesse momento, tentamos fazer com que a música seja vista através da dança. Isso é algo que eu adoro, e as pessoas compreendem melhor a música porque dançamos ao som dela e realçamos algumas notas e nuances. Se não houver música, então esta é a nossa respiração, são os nossos passos, é o barulho que fazemos quando dançamos, é o som de pessoas a tossir, o que também é muito interessante. [...]

**Quando se prepara para representar uma nova personagem, como é que começa a aceder e a habitar a sua mentalidade?**

Bem, tento fazer alguma pesquisa com antecedência. Leio tudo o que posso, tento ver algumas exposições e filmes que falam sobre a história ou a personagem que vou encarnar, tento ouvir a música, ouvir as óperas e tento encontrar todo o tipo de arte que fale sobre este assunto, para que tenha muitas outras visões do mesmo. Depois de o ter feito, tento esquecer tudo e encontrar a minha própria forma de o fazer. É uma forma de acolher

qualquer tipo de inspiração antes e, quando se tem todo esse material, deixá-lo de lado e torná-lo nosso. E também aprender, porque nunca se dança sozinho, dança-se com parceiros e eu falo com os outros bailarinos sobre a sua visão dos papéis, porque é preciso estar ao mesmo ritmo. É preciso encontrar a dinâmica certa e, por isso, também é preciso saber o quanto se consegue expressar e comunicar com as pessoas com quem se vai trabalhar.

**Como é que a sua dança muda dependendo das pessoas com quem está a dançar? Têm ambos de encontrar um ponto de compromisso ou é um processo natural?**

Depende da pessoa. Para algumas pessoas, é como um instinto, sente-se imediatamente que têm a mesma forma de dizer as coisas e isso é o melhor. Outras, estão em lados completamente opostos e é preciso encontrar um compromisso que é mais difícil, mas pode criar uma tensão interessante para ambos. [...] É como na vida, há pessoas com quem nos damos muito naturalmente, outras não, mas temos de fazer funcionar na mesma e isso é bom porque cria sempre algo especial.

**O que é que inicialmente despertou o interesse pela moda e como é que entrou nesse mundo?**

Foi algo que surgiu naturalmente quando me tornei bailarino principal. O mundo da moda está interessado em bailarinos de *ballet* e, por isso, fui convidado para alguns eventos e desfiles de moda e conheci as pessoas. Assim, depois de alguns meses como bailarino principal, comecei a trabalhar um pouco com o mundo da moda e gosto disso, especialmente com marcas bonitas como Giorgio Armani, Dior ou Yohji Yamamoto. [...] Não se trata apenas das roupas, trata-se mais de conhecer pessoas novas, ter outras visões, mergulhar num mundo novo muito interessante.

**No seu trabalho, como é que os mundos da dança e da moda se cruzam? Como é que eles se complementam e o que é que acha que cada um contribui para o outro de forma a melhorar a sua prática?**

A dança e a moda estão ligadas há séculos, uma vez que há centenas de anos que os grandes *designers* criam fatos para os bailarinos. Lembro-me que temos alguns trajés lindíssimos de Yves Saint Laurent, de Karl Lagerfeld, Chanel, Versace e muitos outros *designers* que se interessaram em criar o vestuário para bailarinos, pois colocamos a luz nas roupas quando nos movemos com elas, o que confere fluidez e movimento, realçando a sua beleza. Além disso, penso que os bailarinos têm corpos muito diferentes, fortes e flexíveis, saltam, giram, rodopiam, por isso penso que também realça a beleza dos corpos dos bailarinos ter roupas elegantes. Têm uma ligação forte por isso, mas também pelo seu caráter artesanal. Como trabalhamos o corpo desde muito novos, tentamos moldá-lo com a nossa própria pele. O mesmo se passa com a moda, é artesanato, [...] e é um trabalho longo e preciso, e com o *ballet* é o mesmo. Costumo dizer que ser bailarino é valorizar o tempo. São precisos dez anos para se ser bailarino e, para se ser capaz de fazer roupas bonitas, não se consegue em dois segundos. Portanto, há este valor do tempo que também é muito interessante.

**Qual é a diferença entre estar numa sessão fotográfica e estar em palco? A sensação é semelhante?**

É muito menos pressão fazer algumas fotografias de moda do que estar em palco, com certeza.

**Quão significativo é ter um bailarino na capa de uma revista como a GQ Portugal?**

Fico muito feliz porque destaca o mundo da dança e, para mim, esse é o meu objetivo: democratizar esta forma de arte. Quero que as pessoas acreditem que a dança é para todos e não apenas para as elites e, por isso, poder partilhar isso na revista com a capa é muito especial. Estou muito feliz e muito grato pelo facto da GQ me ter dado esta capa, porque traz luz à arte e isso é algo de que precisamos mais do que nunca hoje em dia. E também a dança é algo tão natural — as pessoas têm dançado desde sempre. [...]



À esquerda: blazer preto, camisa e saia branca, **Yohji Yamamoto**.  
À direita: sobretudo, **Balenciaga**. *Tanktop* e calções cáqui, **Louis Gabriel Nouchi**.  
Botas, **MM6 Maison Margiela**.



Corpete, Lorenzo Seghezzi. Calças, Louis Gabriel Nouchi.

Portanto, a dança está-nos nas entranhas e tem sido assim há muitos anos. Toda a gente dança, toda a gente vai a discotecas, toda a gente ouve música. Então porque é que este é um mundo tão escondido? A dança é algo que precisa de ser como o futebol, precisa de ser mais aberta e as pessoas precisam de se interessar por ela.

**Já alguma vez viajou para Portugal? Se sim, o que é que lhe chamou mais a atenção?**

Sim, já estive em Lisboa e adorei, e também fui à Nazaré porque tinha muita curiosidade em ver todas as ondas. Adoro Portugal, gostava de poder ir mais vezes e quero descobrir mais sobre o país. Adorei a estética, a arquitetura, a comida, as pessoas, [...] e a natureza é linda, por isso, quero descobrir mais.

**Como vê a evolução da sua carreira a partir daqui? Imagina-se a continuar a misturar estes dois mundos artísticos? É aí que se sente mais à vontade em termos criativos?**

Nunca se sabe o que virá a seguir, mas comeci algo muito importante para mim. Em 2022, criei uma organização sem fins lucrativos chamada Hugo Marchand Pour La Danse, que leva os principais bailarinos de *ballet* a locais rurais em França, locais de património e arquitetura, para fazermos espetáculos de *ballet* para pessoas que nunca puderam ver dança. Para mim, é muito importante ser alguém que torna a dança acessível a toda a gente, esse é um dos grandes compromissos que tenho e quero empenhar-me nisso. Além disso, o prazer que tenho em encarnar personagens

e em contar histórias, é algo que gostaria de poder encontrar noutra forma de arte, e é por isso que me interessa muito pelo teatro e pelo cinema. Gostava de poder ter algumas experiências como ator ou comediante, porque penso que, como bailarinos, temos muito para oferecer na forma como compreendemos as emoções e sabemos como as demonstrar com o corpo. É diferente, porque um ator fala, mas eu adoraria experimentar, porque acho que temos algo a dizer, pelo menos eu sinto que tenho algo a dizer. O mundo da moda também me interessa muito, mas se a minha vida tomar outro rumo, longe da moda, vai correr tudo bem. Portanto, a moda é agradável, é luxo, é bonita, é artesanato, mas se deixar de existir, é a vida e eu vou sobreviver. ●



Top castanho translúcido e top branco, Dries Van Noten. Calções cáqui, Louis Gabriel Nouchi.

**TALENTO:** HUGO MARCHAND. **GROOMING:** ALEX GLOAGUEN  
 @ B. AGENCY. **SET DESIGN:** JIMME CLOO. **ASSISTENTES DE FOTOGRAFIA:** LUKE JOHNSON E THOMAS LIZZI. **ASSISTENTE DE STYLING:** STEFAN SOVILJ. **RETOUCH:** ALEXANDRA HEINDL.  
 EDITORIAL REALIZADO EM EXCLUSIVO PARA A GQ PORTUGAL.